ANO 26 — SÉRIE VI N.º 237 2.ª QUINZENA DE JUNHO DE 1957 PREÇO $50

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES PCP

CAMÕES E O POVO

De há longa data comemorado como Dia de Camões o 10 de Junho transformou-se no regime salazarista em Dia da Raça. É como tal que nesse dia se fazem pelo País meia dúzia de palestras, aproveitando-se para falar da raça portuguesa, da sua supremacia sobre as raças angolana, moçambicana, indiana, etc., e tentando, como este ano se fez, sem resultado, mobilizar a Juventude para apoio destas ideias imperialistas. Quer dizer, com base em Camões, os salazaristas louvam o seu colonialismo opressor de povos, castrador do progresso, de civilização, do patriotismo e da independência nesses territórios.

O salazarismo, porém, não só abafa as aspirações mais elevadas e patrióticas desses povos, como também tenta aniquilar as do próprio povo português. E uma das suas facetas mais detestáveis processa-se precisamente na vida cultural, na adulteração da memória a que têm direito alguns grandes vultos da nossa história. Camões é dos que sofrem as consequências do salazarismo. Quão longe estamos da grande divulgação da obra e do homem, dos grandes festejos e comícios realizados pela República e pelos republicanos ainda na monarquia. Tentou-se então ligar Luís de Camões ao povo por ele cantado lírica e èpicamente, ao povo que ele mostrou ao mundo como o construtor grandioso da nossa Pátria e da nossa História.

Divorciado da Pátria, ao serviço do capital monopolista, o salazarismo desde sempre ocultou do nosso povo os valores que o dignificam, o honram e o estimulam para novos feitos. Por isso tem apresentado em escassas cerimónias celebrativas escritores como Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Guerra Junqueiro, Camões, etc, transformados em admiradores do regime clericais e guerreiros, desprezando o povo, diminuindo-o e temendo dele as suas acções de revolta contra a injustiça.

Esta a razão por que Camões, como poeta e como homem, é tão mal conhecido do nosso povo. Só um regime democrático conseguirá elevar Camões ao seu verdadeiro lugar — o do magnífico cantor das coisas nacionais, das coisas humanas universais, do nosso povo —, esse povo a quem um dia o Portugal livre e independente, pacífico e democrático, tornará acessível a obra imortal de Luís de Camões, esse povo que em breve dia celebrará condignamente a memória do grande poeta e, com ele, «*a ditosa Pátria nossa amada*».

AVANTE POR AUMENTO DE SALÁRIOS

No «Avante!» da 2.ª quinzena de Julho de 1956 salientava-se que mais de 20.000 operários tinham conseguido aumentos que iam de 15 a 30 por cento.

Esses aumentos verificaram-se na CUF (todas as fábricas do Barreiro e Lisboa), Estaleiros Navais de Lisboa, C.ª Colonial de Navegação (Lisboa, estaleiros), Argibay (Lisboa), D' Argent (Lisboa), C.I.P. (Póvoa de S.ª Iria), Cimentos Cécil (Setúbal), Fábrica Portugal (Lisboa), Vaz Guedes (Póvoa de S.ª Iria), C.ª Portuguesa Trefilaria (Sacavém), Soc. Nac. de Sabões (Lisboa), Fábrica Varandas (Lisboa), Fábrica de Explosivos da Amora (Seixal), Motoristas de Lisboa, dos ferroviários do Rossio, Alfredo Alves (Venda Nova), na Marinha Grande e em várias fábricas da indústria corticeira, etc.

De então para cá, outros aumentos foram obtidos: nos estaleiros de Viana, 15 por cento; pescadores de Matozinhos, Carris do Porto, PREVIDENTE (LISBOA), 6$00 e 4$00; C.R.G.E. (Lisboa), 12 por cento; conserveiros de Setúbal, 2$10 e 4$00; broquistas da Pablo & Taveres (Montijo), 15 a 20 por cento; CARRIS DE LISBOA, 8$00 DIÁRIOS; CAVAM (PÓVOA), 3 a 4$00; SACOR (LISBOA), 20 a 25 por cento; maquinistas das fábricas de VIDROS DA MARINHA GRANDE, 11 e 17$00 DIÁRIOS; MONIZ DA MAIA (ALVERCA), 2 a 12$00 Sorefame (Venda Nova), PENTEAÇÃO DE LÃS (ALHANDRA), 2 a 10$00; pedreiras, 1$50 a 3$00; corticeiros de Grândola, 2 a 7$00; CONSERVEIROS DO NORTE, 3$20 e 4$00; e, finalmente, na indústria corticeira, 15 por cento sobre as tabelas de 1946.

A que se devem estes aumentos?

Eles foram conseguidos pela pressão e pela luta dos trabalhadores, através das suas Comissões, de concentrações e exposições junto do patronato, dos Sindicatos e do INT, de paralizações e de greves.

A luta da classe operária, como a luta de todos os trabalhadores por aumento de salários, levou outros sectores a tomar posição em relação às reivindicações dos trabalhadores. E até, uma parte dos Sindicatos se transformou em instrumentos de luta na defesa dos interesses da classe operária.

A luta que conduziu à conquista destes aumentos foi longa e dura. Nalguns casos, a PIDE apareceu numa tentativa para aterrorizar e quebrar a unidade dos operários e fazê-los recuar.

Mas a classe operária, na maioria dos casos, mantêve-se unida e persistente, exigindo, exigindo sempre obrigando o governo e os patrões a cederem.

Os aumentos não satisfazem

Entretanto, os aumentos alcançados não estão de acordo com o aumento crescente do custo de vida e, nalguns casos, como na indústria corticeira, os 15 por cento sobre os salários de 1946 significa que só uma metade dos operários recebeu aumentos que vão de dois e dez tostões e outros raramente a 3$00. A outra metade, incluindo os aprendizes, não sòmente não recebeu qualquer aumento, como ainda viu diminuidos os salários e tiradas regalias que tinha conquistado, através da sua luta, antes da publicação do novo contracto. Nalgumas fábricas, antes da saída do contracto, os operários tinham conseguido aumentos que iam de 25 a 50 por cento.

Algo de semelhante aconteceu com os operários da CP, com o contracto assinado em Agosto de 1955, em que, contràriamente às atoardas do governo, os salários não foram aumentados, mas reduzidos e roubadas certas regalias que a classe havia conquistado.

Na maioria das empresas os aprendizes não estão a ser aumentados e, ao pedido de aumento de salários, alguns patrões estão a dar horas extraordinárias pagas a singelo.

Mesmo naqueles casos onde houve aumentos maiores como na Carris e Sacor de Lisboa e outras, eles estão longe de corresponder ao aumento da carestia da vida.

Os salários podem ser aumentados

A necessidade de um aumento geral e substâncial dos salários é um problema que está a interessar o País inteiro. Não só alguns deputados foram obrigados a levantar o problema na Assembleia Nacional, como agora foi largamente discutido e apoiado um aumento geral dos salários nos Congressos das Indústrias e dos Economistas. Igualmente alguns jornais diários e a imprensa monárquica e católica (e suas organizações) têm levantado a sua voz aprovativa.

Que os salários podem ser aumentados de acordo com a carestia da vida provam-nos os aumentos escandalosos dos lucros confessados dos grandes bancos e companhias. Em 1956 apenas 39 companhias, bancos e empresas tiveram de lucros líquidos 660 mil e 79 contos. Como o «Avante!» da 2.ª quinzena de Maio salientava, dos 14 milhões e 200 mil contos de lucros líquidos das indústrias, em 1950, sòmente 5.538.000 contos se destinaram a remunerações do trabalho; os restantes 8.662.000 contos foram para juros, rendas e lucros.

A unidade de acção da classe operária

As lutas que os trabalhadores têm travado, mostram, mais uma vez, que o Partido Comunista tem razão quando afirma que só através da luta é possível arrancar concessões ao salazarismo e ao patronato.

Das lutas atrás apontadas, a classe operária saiu mais unida, tem mais confiança

(continua na 2.ª pág.)

TRÊS PATRIOTAS GREGOS CONDENADOS À MORTE

Em Maio passado, o tribunal militar de Atenas condenou à morte três heróis da resistência grega, Georges Moraitis, Georges Spanos e Spiridon Kotsakis. O julgamento foi pronunciado por «*espionagem e atentado à segurança do território*».

Moraitis tomou parte quando era muito jovem na luta do exército de libertação nacional grego (E.L.A.S.), batendo-se heròicamente nas suas fileiras contra os invasores hitlerianos.

Spados, foi no decurso da guerra um dos comandantes da 2.ª brigada da E.L.A.S. em Atenas, contribuindo muito para expulsar os ocupantes fascistas.

Kotsakis, foi capitão do 1.º corpo da E.L.A. S. tornando-se conhecido entre os democratas gregos pela coragem demonstrada no cumprimento das ordens que lhe eram dadas pelo comando das forças anglo-americanas que controlava então a E.L.A.R..

Após a guerra os dois primeiros continuaram lutando pela paz e a democracia e o último pelas reinvindicações dos trabalhadores de Atenas.

Estes três patriotas estão em perigo de morte numa prisão de Atenas.

Contribuamos para impedir que sejam entregues ao pelotão de execução, três homens que devotaram a vida à causa da liberdade. Dirigi os vossos protestos e pedidos de clemência para a legação grega em Lisboa, Rua Filipe Folque n.º 7—3.º andar.

NÃO NOS DEIXEMOS ARRASTAR PARA UMA LUTA ENTRE MONÁRQUICOS E REPUBLICANOS

UNAMO-NOS UNS E OUTROS CONTRA SALAZAR

No momento presente, o governo luta com certas dificuldades derivadas da crise em que se debatem alguns ramos importantes da indústria — têxtil, cortiça, calçado, chapelaria, etc.. Na agricultura, os produtores de vinho, de batata e de frutas de exportação debatem-se com grandes dificuldades, exigem medidas, chegam a pôr em cheque certos organismos corporativos. A balança comercial, longe de se equilibrar, cada vez é mais deficitária. De Janeiro a Novembro de 1956, o déficit foi de 3.795.154 contos, ou, mais 1 milhão e 10 mil contos do que em igual período de 1955. Nos primeiros 4 meses de 1957 o déficit vai já em 2.253.000 contos, ou mais 1.180.000 do que em igual período do ano passado.

Esta situação não apresenta tendência para melhorar, visto a política de baixos salários e ordenados seguida pelo governo tornar cada vez mais baixo o poder de compra das grandes massas. E se este baixa, torna-se claro que cada vez podem comprar menos. E assim o mercado interno restringe-se cada vez mais, o que conduzirá a novas e maiores dificuldades para a indústria e a agricultura e a uma maior miséria e desemprego das massas trabalhadoras.

Por outro lado, devido à nefasta política de adesão a blocos militares, o governo é obrigado a realizar uma intensa actividade militar de que resultam gastos de dinheiro incomportáveis para a nossa débil economia. Esta situação é agravada por uma política nada realista em relação a Goa, política insensata que provoca um gasto de mais de 300 mil contos anuais. A viagem do ministro da Defesa às colónias é pronúncio de um novo agravamento das despesas militares. Com gastos improdutivos desta natureza, as dificuldades não deixarão de aumentar e o descontentamento popular tomará expressão cada vez mais aberta à medida que as massas trabalhadoras se lancem em lutas pelas suas reivindicações económicas, pela paz e pelas liberdades democráticas.

Para poder vencer as dificuldades com que se debate, se bem que temporàriamente, a camarilha salazarista está interessada em impedir a unidade dos democratas de todas as correntes e, mais ainda, em atirar uns contra os outros, particularmente republicanos contra monárquicos e vice-versa, porque Salazar sabe muito bem que só com a divisão dos seus adversários políticos pode continuar a ter tempo para remendar, hoje aqui, amanhã acolá, após a colocação de cada novo remendo vibrar os seus golpes nos sectores oposicionistas mais consequentes na luta pela liberdade.

Por isso, nós, comunistas, continuamos a afirmar que só Salazar e a sua camarilha estão interessados na divisão entre republicanos e monárquicos. Nós pensamos ser miopia política, ser um passo para trás, que republicanos anti-salazaristas se deixem arrastar, pelo seu entranhado amor à República, para um apoio ao governo que roubou a República e as liberdades que ela comportava ao nosso povo. Os republicanos, além de tudo, não podem esquecer que muitos dos maiores esteios do regime que oprime o povo há longos 31 anos, são monárquicos, mas monárquicos fascistas, como Santos Costa, Cancela de Abreu, Lumbrales, Manuel de Melo, Espírito Santo, Duque de Palmela, Sousa Lara, e tantos e tantos outros.

Nós, comunistas, reprovamos inteiramente quem quer que seja que se intitule, ou se deixe intitular de «*Sua Magestade El-Rei*». Consideramos a atitude daqueles monárquicos que provocaram os justificados reparos da imprensa diária, de autêntica provocação política tendente a arrastar portugueses contra portugueses, mas pela qual responsabilizamos o governo e, em primeiro lugar, o próprio Salazar. Esse é o seu jogo.

Como muito bem disse o «Diário de Lisboa» de 14 de Junho, os monárquicos podem continuar a ter as suas ideias e a impô-las, até, pela via da legalidade. Mas, como essa via legal não existe nem pode existir com o fascismo salazarista, uma questão se coloca: derrubar Salazar para se poder actuar pela via legal.

Por isso, nós dizemos que republicanos e monárquicos de todas as tendências democráticas e liberais devem procurar a união na base de um programa de acção com vista a uma mudança de governo, para que cada um possa depois fazer livremente a propaganda das suas ideias e apresentar-se ao eleitorado para este escolher numa base proporcional. E é por esta razão que nós, comunistas dizemos que o problema não se deve colocar em termos de República ou Monarquia, mas antes, em termos de Democracia ou Fascismo.

OS AGRICULTORES LUTAM

Toda a agricultura sofre as consequências da política monopolista e anti-nacional do salazarismo. Mas os agricultores, principalmente os pequenos e médios agricultores levantam cada vez mais a sua voz, reunem-se, protestam, clamam, lutam. Agora são os produtores de figo que vêm do Algarve pedir ao ministro da Economia que atenta na sua situação pois há naquela província cerca de 200.000 arrobas de figo em poder do comércio ou ainda nas tulhas dos produtores e já dentro em pouco se iniciará uma nova colheita que se calcula em cerca de 6 mil toneladas. Logo a seguir são os Grémios de Lavoura que se reunem em Évora para reclamar a regularização dos preços dos produtos agrícolas e de outros problemas que os afectam.

Os vinicultores, esses já não vêm em comissões para falar com o ministro. Ora é uma comissão de mais de 50 proprietários de Vilar de Andorinho que apresenta na sua Junta de Freguesia uma petição de 231 assinaturas contra o arranque das videiras americanas; ora são enormes conjuntos de outros que se reunem em Torres Vedras, em Santarém, em Évora e tomam medidas para forçar o Ministério a resolver a sua grave crise, obrigando mesmo o próprio presidente da Junta Nacional do vinho a ir a Évora prometer-lhes para breve algumas providências.

Como diz «um vinicultor do Oeste» (Jornal «BADALADAS» de Torres Vedras, de 1 de Maio de 1957) «a verdade é que a política do Ministério da Economia, no que diz respeito à agricultura, e especialmente no que se refere ao vinho, está muito longe de corresponder ao que seria legítimo esperar, mesmo considerando as dificuldades da conjuntura presente e tem comprometido gravemente o prestígio do Estado Novo nos meios rurais.

E porquê? O mesmo vinicultor dá nesse artigo uma ideia dos problemas com que se defrontam os pequenos vinicultores — pois 80% dos empresários vinícolas vivem de produções abaixo de 10 pipas — ao contar que os vinicultores se encontram «individados» assumiram compromissos cujos prazos estão a terminar sucessivamente, venderam o vinho quando não as uvas para liquidar o financiamento deste ano, depois compraram os materiais a crédito, depois pediram dinheiro emprestado para fazer o amanho do ano corrente e comer e dar de comer aos seus».

Os vinicultores estão fartos de esperar do ministério da Economia a resolução da sua crise. Esperar e ter confiança é o que lhes tem aquele indicado. Mas o vinicultor, «quando se apresentar a liquidação do financiamento à junta; quando se apresentar a reforma do empréstimo ao Banco, à Caixa Geral ou à Caixa de Crédito Agrícola; quando for necessário liquidar no todo ou em parte os fornecimentos de adubos, sementes e fungicidas feitos pelo Grémio da Lavoura; quando tiver de pagar aos sábados, aos assalariados; quando precisar de prover à alimentação e vestuário de si e dos seus»; quando tudo isto acontece não há vinicultor que esteja disposto a esperar e a confiar no governo. Por isso os vinicultores, como os produtores de figo, de trigo, de batata, etc., lutam persistentemente pela melhoria da sua situação, até porque sabem que continuando a esperar, muitos deles ficarão pelo caminho em benefício dos grandes que o salazarismo defende.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite para Portugal, todos os dias, das 22 h. às 22,30 pelas ondas de 19, 25 e 26 metros e das 23 h. às 23,30 em 20, 25 e 31 metros.

RÁDIO ESPANHA INDEPENDENTE

Fala das 18 horas às 23, com curtos intervalos de 2 minutos, de meia em meia hora nas ondas de 37, 39 e 43 metros.

GES PCP

KRUTCHEV PRONUNCIA-SE PELA NEGOCIAÇÃO E A PAZ

N. Krutchev foi entrevistado a 28 de Maio no Kremlin pela televisão americana. Começou por responder a várias perguntas ligadas ao desenvolvimento da agricultura na União Soviética. Mostrou a inconsistência das afirmações de vários especialistas norte-americanos que consideram irreal a União Soviética alcançar os Estados Unidos dentro de alguns anos na produção pecuária. Muitas pessoas, disse Krutchev, não acreditavam no passado que o poder soviético se mantivesse nem mesmo um ano. Quase ninguém acreditava no Ocidente na realização dos planos quinquenais. Mas transcorreram 40 anos e a União Soviética aumentou a sua produção industrial em 30 vezes, e agora aproxima-se directamente da resolução da tarefa fundamental: alcançar os países capitalistas mais desenvolvidos na produção de artigos percapita (por pessoa) *«Antes de mais nada consideramos que amadureceram as condições para solucionar concretamente a tarefa de alcançar os Estados Unidos na produção de lacticínios e carne.»*

Respondendo à pergunta sobre as relações entre a União Soviética e os Estados Unidos, Krutchev disse que o mais importante consiste em normalizar as relações entre os dois países. A normalização deve ser iniciada pelo comércio. É necessário trocar delegações culturais, são necessários mais contactos entre os nossos povos e entre os homens de negócios. É preciso deitar abaixo as barreiras, os Estados Unidos devem liquidar a sua cortina de ferro, os povos querem tranquilidade e paz, querem viver duma forma digna do homem. Esforçamo-nos por garantir estas condições e pela nossa parte tudo fazemos para garantir a coexistência pacífica entre países com regimes diferentes. Jamais identificámos a luta ideológica com a guerra.

Que regime triunfará? Deixemos que isto seja resolvido pela história, pelos nossos povos. Pelo facto de afirmarmos que triunfará o socialismo isto não significa que pensemos impôr o nosso regime por meio da guerra. Consideramos que este regime triunfará e conquistará a consciência dos povos, mas o regime de cada país deve ser estabelecido segundo o desejo do povo desse país. Não vemos outro caminho e não impomos as nossas ideias.

Desmentindo as invencionices, segundo as quais a União Soviética desejaria liquidar os Estados Unidos, Krutchev declarou que nos Estados Unidos quem lutará contra o capitalismo será a classe operária da América.

Se surgir uma guerra atómica, nela sucumbirá o capitalismo. Uma guerra atómica, traria grandes desgraças a toda a humanidade, mas a humanidade não sucumbiria.

Mas não se deve recorrer a uma medida como a guerra, isto seria prejudicial tanto para os países socialistas como para os capitalistas.

Referindo-se aos problemas do desarmamento, N. Krutchev declarou que a União Soviética levou a cabo a redução unilateral das forças armadas em 1 milhão e 800 mil homens. A União Soviética diminuiu em mais de 30 mil homens as suas forças armadas na Alemanha Oriental. A U. Soviética renunciou à fortaleza que possuia por um tratado assinado com a Finlândia. Temos feito muito, afirmou Krutchev, para assegurar a compreensão mútua e chegar a acordos com os outros países quanto ao desarmamento. Mas até agora nem os Estados Unidos, nem a Inglaterra nem a França deram resposta alguma neste sentido, o que muito lamentamos.

«Cheguemos a acordo sobre o problema básico. Deixemos de realizar explosões nucleares. Existem pessoas que procuram esquivar-se a dar uma resposta directa a este problema. Querem discutir partindo de que é preciso supostamente prevenir quando este ou aquele país se prepara para realizar uma explosão. É uma discussão mistério travada para desviar a atenção dos homens e colocá-los num caminho falso. Por isto declaramos: cessemos as explosões, proibamos as armas atómicas e de hidrogénio, diminuamos as forças armadas e passemos depois ao completo desarmamento. Este é o nosso programa. Comecemos, embora por algo pequeno, mas comecemos. Até agora o assunto não tem passado de conversações e exercícios oratórios.»

Respondendo a outra pergunta, N. Krutchev destacou a importância que tem para a causa da paz a retirada das tropas estrangeiras de territórios alheios. Porque razão os Estados Unidos e outros países não retiram as suas tropas da Alemanha Ocidental e de outras nações? Nós retiraríamos as nossas tropas da Alemanha Oriental, da Polónia, da Hungria e da Roménia. Isto seria muito útil e também o primeiro passo para vivificar as relações de boa vizinhança e o estabelecimento de uma boa atmosfera. Isto contribuiria para a manutenção de boas e pacíficas relações entre os nossos países. Concordamos, em determinadas condições, recíprocas, com sistemas de inspecção aéreas para controlar o cumprimento de semelhante acordo. Estamos de acordo em estabelecer postos em determinados lugares para impedir qualquer agressão súbita deste ou daquele país. Estas condições bastam para assegurar o controle e excluir a agressão feita dum país ao outro. Retiraremos decididamente as nossas tropas de todos os países onde se encontram estacionadas. Estou certo, que os povos destes países ainda defenderão melhor o seu regime, regime que se baseia na vontade dos povos. Estou absolutamente convencido disso.

Ali onde a classe operária conquistou o poder, não o entregará mais aos exploradores, fortalecerá este poder, desenvolverá a sua economia e cultura. N. Krutchev descreveu como isto se verifica em todos os países socialistas.

Respondendo à pergunta sobre quais os passos que a União Soviética tenciona dar agora, para aliviar a tensão internacional, N. Krutchev disse, que a União Soviética procura constantemente dar estes passos, mas se isto for feito apenas por um lado, e pelo outro não, nada conseguiremos. Por isto, esperamos que a América, a Inglaterra e a França pela sua parte, dêm passos para o alívio da tensão mundial. Nós não ficaremos atrás de nenhum deles, sublinhou N. Krutchev.

Que se pode pensar mais? Penso que isto basta para começar. Se a América nos respondesse da mesma forma, isto seria um grande progresso. Se se abordar de modo razoável a solução dos problemas divergentes que surgirem, sublinhou N. K., é possível evitar exacerbações. Penso que o agravamento que se verificou, foi certamente, na consciência do desejo dos países capitalistas de nos pôrem à prova. Se permitirmos o agravamento nesta base, é pouco provável que cheguemos a bons resultados.

apelo às mães

O nosso Movimento da Paz faz ver claro a milhões de homens o perigo que os ameaça.

Que força nos ajuda a conduzir os seres humanos a escaparem dos perigos que eles aprenderam a conhecer, para que não se resignem aos preparativos da guerra atómica cada vez mais próxima deles?

Existe uma força que não cansa nunca, que cresce à medida da sua própria necessidade.

É a força da mãe que protege os seus filhos.

Para a mãe não há indiferença. Ela não se resigna ao destino quando os seus filhos estão ameaçados de uma terrível doença. Ela faz tudo para os salvar.

Hoje, a ameaça de uma terrível doença pesa sobre o seu filho.

É justamente nos seus tenros ossos que esta substância originada nas experiências atómicas faz o seu ninho mais fàcilmente. Se estas experiências não terminarem, a morte virá, cada vez mais aproximada, acercar-se dos lares.

Muita gente viu já em fotografias as terríveis deformações sofridas pelas infelizes crianças de Hiroshima. A força da mãe aumentará, infinitamente, desde o momento que ela compreender que, do mesmo modo que é possível lutar contra o crime e as epidemias, também é possível lutar contra o perigo atómico que espreita o seu filho.

Com a força das mães, o Apelo do Conselho Mundial da Paz tornar-se-á um movimento irresistível.

Esta força ajudar-nos-á a salvar uma geração.

a) — ANNA SEGUERS

AS EXPLOSÕES ATÓMICAS AMEAÇAM A HUMANIDADE

O PERIGO EXISTE PARA PORTUGAL

Numa reunião das empresas mais importantes de Lisboa, convocada pela Legião Portuguesa, o comando desta garantiu que numa futura guerra que se aproxima o bloco ocidental necessitará do nosso território e por isso certamente aqui desembarcarão os americanos. Daí poderá resultar um ataque atómico que atingirá APENAS Lisboa, Setúbal e Entroncamento.

Com que cinismo se quer enganar e narcotizar o nosso povo!... Se Portugal vier a servir de base de qualquer agressão o atacado procurará destruir a base de agressão, o que significará uma mortandade e uma destruição tão colossais que dificilmente serão reparadas.

Em Portugal os governantes procuram preparar o povo para aceitar essa hecatombe. Apesar de se saber que bastariam duas ou 3 bombas de hedrogénio para arrasar Portugal e matar pràticamente toda a população, o governo de Salazar não procurou até hoje marcar posição contrária às experiências de armas nucleares. Pelo contrário, faz publicar na grande imprensa os discursos dos atomiqueiros que berram ameaças de extermínio dos países socialistas.

Entretanto, por todo o mundo a gente de bem levanta os seus protestos. Cientistas categorizados afirmam ter as chuves radio-activas causado já prejuízos irremediáveis que, se *«as experiências nucleares continuarem no ritmo actual, milhares, senão milhões, de seres humanos no mundo inteiro morrerão prematuramente, serão doentes ou deformados ou sofrerão de qualquer maneira os efeitos das irradiações»*. As bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaqui, além dos muitos milhares de mortos já provocaram o nascimento de 8 mil anormais e ainda matarão nos ventres das mães que sofreram as irradiações 60 mil crianças! A resistência humana sofrerá um enfraquecimento constante e a vida abreviar-se-á como consequência fatal do aparecimento de novas doenças e da generalização de outras, como a leucémia, que tantas vítimas causa já por toda a parte.

Os cientistas do México e da Noruega, da França, Alemanha, URSS, 2 mil cientistas dos E.U., o Conselho Provincial de Roma, etc., médicos, químicos, políticos, homens de governo, vozes de homens honestos e angustiados, em cada nação, pedem um acordo internacional pela proibição das armas e contra os ensaios atómicos.

O governo do Japão (país que tem sido a maior vítima) protesta junto do governo americano contra as experiências no Estado de Nevada e um seu embaixador especial percorreu recentemente o mundo numa tentativa de demover os governos de tais experiências. Por sua vez o governo Soviético reafirmou estar disposto a cessar imediatamente as experiências se os E.U. e a Inglaterra fizerem o mesmo e propôs que no caso de não se chegar a acordo total, pelo menos sejam suspensas durante 2 ou 3 anos.

Na sub-comissão de desarmamento, o delegado dos E.U. afirmou que a U. Soviética demonstrou com as suas novas propostas uma disposição de solução do problema, enquanto o chefe do Estado Maior do Pacto do Atlântico afirma que aceitar o plano de desarmamento e a retirada das tropas das nações estrangeiras anularia a vantagem das 250 bases norte-americanas perto da U. Soviética.

A imprensa portuguesa, como o «Século», «Diário de Lisboa», «Diário Ilustrado», e «Jornal de Notícias» do Porto, levantou a sua voz, alertando o País para o perigo das experiências de armas atómicas e apoiando o movimento internacional contra elas.

Se os homens de ciência do nosso País, se todo o nosso povo se aliar aos povos do mundo inteiro, através das mais variadas acções, junto do governo, manifestando o seu apoio ao Apelo do Conselho Mundial da Paz e pedindo que o governo se manifeste pela cessação imediata de tais experiências, o governo será obrigado a tomar posição correcta. A unidade de acção de todos os povos do mundo fará cessar as experiências nucleares!

...AUMENTO DE SALÁRIOS

(continuação)

em si próprio, é mais forte e poderá impôr ao governo e ao patronato novas concessões e obter um aumento geral nos salários.

Como o «Avante!» da 1.ª quinzena de Maio, dizia, um aumento de 50 por cento, com trabalho permanente assegurado para todos os trabalhadores, não sendo suficiente, representará uma melhoria nas condições de vida dos trabalhadores. Entretanto, será nos seus locais de trabalho, nas suas reuniões de tra das empresas e nos Sindicatos, ouvindo-se uns aos outros, que os trabalhadores deverão assentar no aumento a exigir.

Embora não seja só a voz do Partido Comunista a levantar este problema vital para as classes trabalhadoras, embora outras vozes o defendam e o proclamem pelas mais variadas formas, a classe operária, os trabalhadores sabem bem, pela sua própria experiência, que só alcançarão aumentos satisfatórios através da sua própria luta, na base da mais sólida e fraterna unidade de acção, nos locais de trabalho, junto dos patrões, dos Sindicatos, do INT e do Governo, e esgotados todos os processos legais de luta e os operários devem recorrer à greve para conseguir a satisfação das suas reivindicações.

viagens de propaganda de um regime condenado

As viajatas espectaculares do presidente da República ao estrangeiro e às colónias têm por objectivo fundamental fazer a propaganda do cada vez mais desacreditado regime fascista de Salazar. Elas têm por fim, também, uma descarada propaganda política em relação com os próximos actos eleitorais, pois não foi por acaso que, tanto a viagem às colónias, como a feita à Inglaterra, como agora esta ao Brasil e a próxima viagem aos Açores, foram todas organizadas para uma época bem próxima das eleições legislativas, presidenciais e administrativas. Enquanto isto sucede aos democratas e anti-salazaristas continuam a ser negadas quaisquer possibilidades de organização, propaganda e agitação com vista às mesmas eleições.

Naturalmente que, nós, comunistas, pronunciamo-nos pelas visitas mútuas de amizade entre os dirigentes de todos os países, como um meio para melhor se conhecerem os pontos de vista de cada país e assim se encontrarem, a par e passo, pontos que conduzam à colaboração e à coexistência pacífica entre estados com sistemas sociais diferentes.

Os Círculos Governantes Brasileiros Ajudam Salazar

A camarilha salazarista encontrou nos círculos governantes do Brasil e na pior reacção brasileira amigos e defensores. Isto é natural. O governo brasileiro foi mesmo ao ponto de pouco antes da visita mandar prender portugueses residentes no Brasil que não escondiam os seus sentimentos anti-salazaristas.

Colaborando com a camarilha salazarista e com alguns grandes potentados portugueses residentes no Brasil na especulação com os sentimentos patrióticos das muitas centenas de milhares de portugueses que vivem e labutam na pátria irmã, e com os sentimentos de amizade do povo brasileiro para com o povo português, os círculos governantes do Brasil atreiram sobre si o asco dos dois povos irmãos visto estarem a ajudar objectivamente o governo fascista de Salazar contra o povo português.

O Povo Brasileiro está com o Povo Português

Numa entrevista colectiva à imprensa, em S. Paulo, o ministro Paulo Cunha, viu-se embaraçado para responder às perguntas sobre o colonialismo exercido por Portugal. Em resposta a uma afirmação do ministro de que em Portugal vigorava «uma República corporativa aplicando uma democracia orgânica», os jornalistas disseram-lhe nas bochechas que o regime que vigora em Portugal é um regime fascista. Apesar das tentativas posteriores de explicação do caixeiro viajante do salazarismo, os jornalistas mantiveram as suas posições. Positivamente o lobo já não passa fàcilmente por cordeiro.

Também o jornal «Imprensa Popular» de 28-5-957, proibido de entrar em Portugal, publicou um protesto da Sociedade Paulista de Escritores dirigido à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo onde se dizia, entre outras coisas, que «pelo voto da maioria dos seus directores e conselheiros, manifestou a impressão desagradável que causou a todos os intelectuais livres, a atitude dessa faculdade aceitando e enviando ao Conselho Universitário uma indicação pela qual se concederia o título de Doutor *«Honoris Causa»* ao general Craveiro Lopes...»

Depois de defenir a Universidade e de dizer que esta Faculdade de Filosofia, «que ensina a pensar, e sem pensamento livre, não haverá uma verdadeira Universidade», os escritores paulistas dizem:

«Há mais de 30 anos domina esta nação (Portugal) cujas tradições de glória todos conhecem, uma ditadura que abafou aí toda a vida espiritual através da opressão e de um execrável regime policial». «Em Portugal de hoje não se publica um só jornal, não se edita um só livro que não passe por uma implacável comissão de censura ditatorial. Existe aí apenas um partido, o do ditador, sendo proibida qualquer outra agremiação política, não tolerando a tirania sequer uma simples reunião pacífica de elementos de oposição».

E, por fim, o protesto diz que; «o general Craveiro Lopes, cujo passado se revela inteiramente submetido à vontade do tirano português, ocupa o posto de Presidente da República, para o qual foi nomeado pelo Sr. Oliveira Salazar, num simulacro de eleições nas quais todas as fraudes se cometeram e toda a violência se despenhou sobre a oposição que representa a maioria dos portugueses.»

Este protesto dos escritores paulistas e a posição dos jornalistas brasileiros dá-nos a garantia de que o povo brasileiro e, em primeiro lugar, a sua valente classe operária, não estão com os seus governantes no apoio político descarado aos governantes fascistas de Portugal.

A VIDA E A LUTA DO NOSSO POVO VISTAS NO ESTRANGEIRO

BRASIL — o jornal *«Gazeta do Brasil»* insere no seu n.º de 7-4-57 uma minuciosa reportagem sobre o assassinato de Joaquim Lemos de Oliveira. Depois de desmascarar os horrores das prisões da PIDE, o autor termina por um apelo a todo o povo brasileiro para que proteste por todos os meios contra mais este crime do salazarismo.

O *«Estado de S. Paulo»* de 5-12-56, a propósito do julgamento dos 52 jovens no Porto, salienta a ausência das liberdades fundamentais em Portugal.

Também outro Jornal brasileiro publica um apelo do Movimento das Mulheres Democráticas de Portugal pró-libertação de Georgette Ferreira. O artigo faz um relato pormenorizado das desumanas condições prisionais em que vive, gravemente doente, esta abnegada democrata.

VENEZUELA — *«Ultimas Noticias»* de 6-8-56 transcreve de *«The New York Times»* uma notícia sobre o agravamento das condições de vida dos trabalhadores portugueses e a sua luta por aumento de salários.